



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

ÉTICA ECOMUNITARISTA E JORNALISMO AMBIENTAL

Dinair Velleda Teixeira¹
Sirio Lopez Velasco²

RESUMO: Este artigo, pautado nos resultados da pesquisa de dissertação de mestrado³ concluída em novembro de 2008, suscita uma reflexão sobre a atual forma do jornal *Zero Hora* de fazer jornalismo e aponta o caminho ainda a ser percorrido para se chegar a um jornalismo que contemple os princípios éticos da educação ambiental na perspectiva “ecomunitarista”.

Palavras-chave: ética, jornalismo, meio ambiente.

ABSTRACT: This article, based on the results of the master program completed in November 2008, proposes a reflection on the current form of journalism put into practice by the newspaper *Zero Hora* and points to the path that still must be traveled to reach a journalism that includes the ethical principles of environmental education in the “ecomunitaristic” perspective.

Keywords: ethics, journalism, environment.

INTRODUÇÃO

A crise que hoje se vivencia, gerada pelo atual modelo capitalista de sociedade, com sua ganância, extrapolou todas as formas de vida, até provocar as mudanças do clima que, por sua vez, geraram mais exclusão social, fome, doenças e desequilíbrio da natureza, entre outros problemas.

Não se sabe ainda que sociedade se descortinará a partir destes novos tempos tão difíceis, mas é inegável que o *status* da imprensa tem crescido a cada dia no meio político,

¹ Publicitária, Especialista em Marketing (FGV) e Mestre em Educação Ambiental pelo PPGEA da FURG. E-mail: dinamicamkt@terra.com.br

² Filósofo, docente no PPGEA da FURG, criador da ética e da proposta ecomunitarista. E-mail: lopesirio@hotmail.com

³ A pesquisa na íntegra encontra-se na dissertação de mestrado defendida pela autora deste artigo, com o título: *A ética no discurso do jornal Zero Hora sobre as mudanças climáticas*.

empresarial, cultural e esportivo; todos, de uma forma ou de outra, estão dependentes dela. O jornalismo hoje, muito longe de trazer à tona o conflito e promover o debate, promove o consenso. Assim, os espaços jornalísticos deixam de ser transmissores dos fatos para serem os produtores dos fatos – fatos esses elaborados conforme a preferência do público, que reflete seu querer nos índices dos institutos verificadores de audiência e de circulação. As empresas jornalísticas reelaboram o fato, conforme seus objetivos, e o retornam ao público. Dessa forma, o jornalismo cria a cada dia a realidade solicitada, seja do choro, da alegria, da dor, da saudade, não importa qual, o que importa é aumentar os números da aceitação e fazer crescer essa indústria do faz-de-conta. Nessa realidade forjada, direciona o foco, conforme seus interesses, e invadem a sociedade discursos como, por exemplo, o do fim das espécies, de morte do planeta e todos os tipos de catástrofes possíveis. E, ao mesmo tempo em que se pressupõe que o homem não tem possibilidade de intervir nos processos sociais, aponta-se a ação humana como principal causadora dos problemas ambientais.

Em vista dessas colocações, o objetivo geral da pesquisa é compreender o processo de construção do discurso do jornal *Zero Hora* sobre as mudanças climáticas.

Em relação a crise socioambiental, Lopez Velasco (2003a), acredita que provém, em parte, da falta de ética que domina a sociedade contemporânea, o que pressupõe a necessidade de uma nova ética que contemple o equilíbrio da sociedade, incluindo-se a preservação dos ecossistemas e dos valores culturais necessários para que se restabeleça a dignidade dos seres no planeta; a superação do capitalismo, ou de qualquer modelo de sociedade baseado no capital e na exploração de todo tipo de natureza.

Considerando esse pressuposto e a necessidade de transformação dessa realidade para sobrevivência do planeta, toma-se como pano de fundo a “Ética argumentativa⁴ na perspectiva do Ecomunitarismo”⁵, proposta por Lopez Velasco (2003a), a qual privilegia a liberdade de decisão, o consenso e a preservação-regeneração da natureza, e, por meio de uma releitura destas três normas da ética, associando-as à forma de fazer jornalismo, busca-se entender: De que forma o discurso do jornal *Zero Hora* sobre as mudanças climáticas contempla os princípios éticos da educação ambiental na perspectiva ecomunitarista.

⁴ A ética argumentativa ecomunitarista é instaurada quando toda e qualquer situação for pautada na liberdade, no consenso e na preservação-regeneração da natureza (LOPEZ VELASCO, 2003a).

⁵ É uma ordem socioambiental pós-capitalista utópica. Apóia-se nas três normas que Lopez Velasco (2003a) deduz argumentativamente da pergunta que abre o universo da ética, a saber: “Que devo fazer?”, normas que estipulam, respectivamente: 1) que devemos zelar pela nossa liberdade individual de decisão; 2) que devemos viver consensualmente essa liberdade; 3) que devemos zelar pela preservação-regeneração da natureza (LOPEZ VELASCO, 2003a).

- A primeira norma da ética (LOPEZ VELASCO, 2003a, p.19) a qual busca a liberdade de decisão, remete ao fato de se pensar o jornalista e o papel que desempenha na imprensa/empresa, enquanto profissional inserido em um contexto socioeconômico em que a definição do que é relevante ou não, em termos de notícia, está intrinsecamente ligada aos envolvidos no fato. Essa estruturação da imprensa como empresa e, portanto, com interesse comercial, fez com que ela caísse num campo de interesses que passa a influenciá-la. Dessa forma, o jornalista tem sua liberdade de expressão cerceada por interesses do grupo dirigente e dos grupos econômicos anunciantes.
- A segunda norma da ética (LOPEZ VELASCO, 2003a, p.20), a qual busca o consenso, remete ao pensamento sobre a notícia como um dos eixos norteadores dos “consensos” e parâmetros sociais. O jornalista através da notícia acaba indicando o que seria socialmente desejável ou adequado. Nesse processo, ele lança mão de mapas culturais de significado (HALL, 1993) que existem na sociedade e ajuda a reforçá-los ou apagá-los, contribuindo para o estabelecimento de “consensos” a respeito de valores e atitudes.
- A terceira norma da ética (LOPEZ VELASCO, 2003a, p.22), busca a preservação-regeneração da natureza, a qual remete a pensar o quanto o jornalismo tradicional, com sua visão fragmentada sobre as questões ambientais, com enfoque supostamente ecológico, separando os problemas ambientais dos aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos, contribui para fortalecer esse paradigma dicotômico entre sociedade e natureza.

METODOLOGIA DA ANÁLISE DO CORPUS

Definiu-se como *corpus* matérias⁶ coletadas do jornal *Zero Hora* (ZH) sobre os Relatórios de Mudança Climática⁷, realizados pelos grupos de trabalho do Intergovernmental Panel on Climate Change – (IPCC)⁸ e divulgados em três partes ao longo do ano de 2007.

Cada parte do relatório é o resultado de um dos três Grupos de Trabalho (GT) do IPCC. O GT1 concentra-se sobre as bases científicas da mudança climática. O GT2 trata dos impactos da mudança climática e da vulnerabilidade da Terra a esses impactos. O GT3 avalia como podemos amenizar as conseqüências do aquecimento global.

⁶ Notícias

⁷ Disponível em <<http://www.mct.gov.br>>.

⁸ Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima.

A análise do *corpus* é baseada no referencial metodológico de Thompson, que por sua vez se fundamenta na tradição da hermenêutica⁹. Para Thompson (1995), embora vários tipos de análise formal, estatística e objetiva sejam apropriados na análise social, esse enfoque é parcial. Ele aponta essa idéia ao dizer que muitos fenômenos sociais são também formas simbólicas¹⁰, e formas simbólicas são construções significativas que, embora possam ser analisadas por métodos formais ou objetivos, inevitavelmente apresentam problemas qualitativamente distintos de compreensão e interpretação, porque, no caso da investigação social, o objeto de nossas investigações é, ele mesmo, um território pré-interpretado.

O processo de transformar os relatórios sobre as mudanças climáticas, fornecido pelo IPCC em notícia, é mediado pela interpretação, pelo conhecimento, pelas falas colaterais, pelo ambiente físico, entre outros fatores que interagem com o jornalista no momento de sua escrita. É o resultado de uma interpretação dos relatórios somada a todo o contexto vivido pelo jornalista. Por outro lado, o jornalista, ao escrever a matéria, está também reconstruindo a história, da qual ele é parte, atuando como produto e produtor dentro de um espaço/tempo, e não apenas observador ou espectador dela. Por esse motivo, opta-se pela Hermenêutica de Profundidade, de Thompson (1995), para desenvolver a análise, por essa metodologia considerar a dimensão sócio-histórica, a análise discursiva e a etapa de interpretação/re-interpretção.

A pesquisa está apoiada em três eixos: Discurso (THOMPSON, 1995), Ética ecomunitarista (LOPEZ VELASCO, 2003a; 2003b) e Jornalismo (BACCHETTA, 2000; KOVACH; ROSENSTIEL, 2004; TRAQUINA, 2005).

REINTERPRETAÇÃO A PARTIR DA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA E DISCURSIVA

As marcas discursivas encontradas nas três matérias indicam, a partir da análise, que o discurso que permeia o jornal *Zero Hora* é voltado estritamente a preservar interesses econômicos e políticos. Essas marcas são evidenciadas na primeira matéria, ao apontar a ação humana como fator preponderante para as mudanças climáticas, abordando superficialmente a ação das indústrias, as maiores responsáveis por esse contexto, como forma de preservar a imagem dessas empresas, uma vez que muitas delas são também os maiores anunciantes do jornal, quando o jornal não é acionista nessas empresas.

⁹ O termo deriva do grego *Hermeneutikè*, que significa: ciência, técnica. É a arte de interpretar o sentido das palavras, das leis, dos textos (THOMPSON, 1995).

¹⁰ São construções significativas que exigem uma interpretação; elas são ações, falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas (THOMPSON, 1995).

Na segunda, fica evidenciado esse posicionamento, ao omitir que basta cessar o desmatamento para que nenhuma catástrofe ocorra na Amazônia. Não é dito que o desmatamento ocorre para dar espaço à criação de gado, ou seja, para o crescimento da economia, portanto mais uma vez em nome de interesses econômicos e políticos a natureza é explorada de forma abusiva e indiscriminada.

A terceira evidencia a questão econômica a partir do foco em que foi pautada, o etanol. Entre tantos aspectos, o foco foi exatamente o que contém maior significância econômica. Conforme contexto sócio-histórico externo, em 2007, período em que foi divulgado o terceiro relatório, o mercado externo estava voltado para investimentos em biodiesel no Brasil, uma vez que a mídia em geral noticiava que a intenção do Brasil era investir US\$ 15 bilhões para a construção de 77 novas usinas de etanol até 2013. Esse dado explica a escolha do foco abordado na matéria, e a partir dessa constatação pode-se reafirmar: não existe informação desinteressada, o discurso do jornal *Zero Hora* não é um retrato isento e objetivo dos fatos, mas, antes, uma instância de poder que, junto com outras instituições, constrói seu objetivo, dando-lhe visibilidade.

Conforme classificação de Beltrão (1980), percebem-se nas matérias dois gêneros de jornalismo, o informativo e o opinativo. O jornalismo informativo dá ênfase à notícia objetiva, à informação pura, impessoal e direta; limita-se a narrar os fatos. A objetividade no jornalismo refere-se ao método de apuração da verdade. O método deve contemplar a busca de várias fontes, ou seja, deve haver equilíbrio no uso de fontes para que as diversas facetas do fato sejam relatadas. A verdade no jornalismo não é a verdade filosófica, porque é mutável, porém sempre baseada nos fatos. Com a investigação jornalística, a verdade pode mudar.

GÊNERO

Já o gênero opinativo é o juízo que o jornalista faz do assunto; a opinião não deve ser confundida com a informação, mas ela só pode existir a partir da informação. O jornalismo é parcial, e esta parcialidade deveria ser assumida por *Zero Hora*. Assim como o jornalismo não é imparcial perante a corrupção, não o é perante outros fatos. A imparcialidade também se refere ao equilíbrio das fontes.

A liberdade, a qual a primeira norma da ética busca, está intrinsecamente ligada ao acesso não só à informação, mas à informação independente que possibilite o conhecimento do fato em toda a sua complexidade, proporcionando à sociedade fazer escolhas e consequentemente dando-lhe condições para se autogovernar. Portanto, se o jornal *Zero Hora*

não está proporcionando a informação independente, não está também cumprindo com seu papel social.

CONSENSO

Outro aspecto significativo revelado na observação refere-se ao consenso. A notícia é um dos eixos norteadores dos consensos e parâmetros sociais de normalidade e anormalidade. Como o jornalista está preso a outros interesses, não apenas com a verdade, as matérias não estão pautadas em princípios de “independência” ou “liberdade”, e conseqüentemente esse “consenso” não reflete a realidade.

Conforme Traquina (2005), a esfera de consenso é a região em que se encontram os valores consensuais da sociedade. Dentro dessa esfera, os jornalistas não se sentem compelidos a apresentar pontos de vista opostos. Nessa esfera, o jornal *Zero Hora* tem um papel essencialmente conservador, cartesiano e separatista. Isso fica evidenciado na ênfase que é dada aos problemas ecológicos, em detrimento do social, econômico e cultural, transmitindo uma idéia de que ambiente engloba somente natureza, a natureza ecológica.

Essa visão também faz parte do conhecimento do senso comum da sociedade, e, ao dar ênfase a essa questão, *Zero Hora* está reafirmando essa visão e contribuindo para reforçar o reducionismo que nela existe. Portanto, apesar de indiscutivelmente o grau de informação sobre o tema ter aumentado, essa quantidade de informação não implica maior consciência da sociedade, e assim, mais uma vez, pode-se constatar que *Zero Hora* não está cumprindo com sua função social de agente de transformação da realidade e construtor da cidadania.

Sabendo-se, também, que o consenso é a manifestação de várias vozes, através da análise pode-se observar a manifestação dessas vozes que são apresentadas de forma implícita. Vejamos: como imprensa, *Zero Hora* precisa informar ao leitor os fatos, e o faz, como se viu, de forma parcial. Como empresa, precisa preservar o interesse de grupos econômicos aos quais está ligada, e o faz, omitindo da sociedade determinadas informações. Com seus colaboradores, precisa que eles sigam a cultura da empresa, e o faz, exercendo o poder, ou seja, quem não se adapta à cultura da empresa é demitido. Precisa ouvir as fontes, e o faz, mas seleciona somente aquelas que apresentam pontos de vista compatíveis ao seu posicionamento, mesmo assim não é transparente em relação a essas vozes, ao escrever “segundo especialistas” ou “cientistas estão prevendo”.

Pode-se perceber também quem fala e quem é silenciado. Embora as três matérias tratem de previsões acerca do futuro da humanidade, a própria humanidade está excluída desses

discursos. Acredita-se que essa ausência retrate não só a unilateralidade dos fatos, mas também a intenção da descontextualização da sociedade no processo de elaboração da informação.

Portanto, as enunciações estão sob os mesmos interesses, apenas complementando-se umas às outras. Pode-se dizer, então, que estamos diante de um mesmo enunciador, e nesse caso conclui-se que o discurso do jornal *Zero Hora* não é polifônico e sim monofônico. E, por ser monofônico, o consenso é estabelecido, mas este é um consenso orquestrado, manipulado e, portanto, não reflete o consenso que a segunda norma da ética busca. Para a efetivação satisfatória da segunda norma, deve haver polifonia no discurso do jornalismo que reflita um consenso dessas diversas falas, pois segundo Kovach e Rosenstiel (2004), é na diversidade de vozes que o povo tem melhores condições de saber a verdade e, assim, ser capaz de se autogovernar.

Pode-se afirmar, portanto, que a estrutura de produção da informação de *Zero Hora* está completamente atravessada por lógicas econômicas e políticas que condicionam, através de múltiplos fatores, o trabalho dos jornalistas e direcionam o foco do leitor.

VALORES-NOTÍCIA

É importante entender também quais são os valores contidos em determinados acontecimentos que podem levá-los a ser notícia no jornal *Zero Hora*. Pode-se observar que as matérias estão pautadas nos mesmos valores-notícia. Identificam-se nelas, conforme categorias apresentadas por Traquina (2005, p. 77), valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. O valor-notícia de seleção refere-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato a sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento.

O valor-notícia de construção sugere o que deve ser realçado, o que deve ser omitido e o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia. O valor-notícia de seleção pode ser facilmente identificado, através do foco das matérias e do emprego de expressões fortes como: *“morte”*, *“extinção”*, *“abismo”* e, expressões conhecidas mundialmente e carregadas de valor simbólico como: *“Floresta Amazônica”* e *“Torre Eiffel”*, capturando imediatamente a atenção do destinatário. A partir dessa seleção e construção, observa-se que o discurso do jornal *Zero Hora* sobre as mudanças climáticas reflete que, para instaurar o consenso, alguns fatos devem ser omitidos e outros realçados. Entretanto, para que haja o consenso que a segunda norma da ética busca, o jornalismo deve refletir uma polifonia de luta pela liberdade em suas decisões consensualmente estabelecidas.

Sob outro aspecto, pode-se salientar que a primeira e segunda matérias, caracterizadas por seu estilo fatalista e sensacionalista, refletem a imagem da “imprensa amarela”, expressão surgida nos Estados Unidos em fins do século XIX, fase que marcou também as bases do jornalismo moderno, através de manchetes garrafais e ilustrações em amarelo, para chamar a atenção do público. Os primórdios das histórias em quadrinhos estão, assim, vinculados também às origens do jornalismo sensacionalista. No Brasil, é mais conhecida como “imprensa marrom” (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 256). Esse estilo pode ser identificado pelo uso intenso de infográficos, assim como pelo apelo sensacionalista refletido no emprego da força dos termos e das expressões, que guardam grande simbologia. Essa constatação também reafirma o entendimento de que o jornal *Zero Hora* posiciona-se em todos os aspectos mais como empresa e menos como imprensa. Adotar o estilo da “imprensa marrom” para elaborar as matérias é só mais uma estratégia para chamar a atenção do leitor, com o objetivo de aumentar as vendas do jornal.

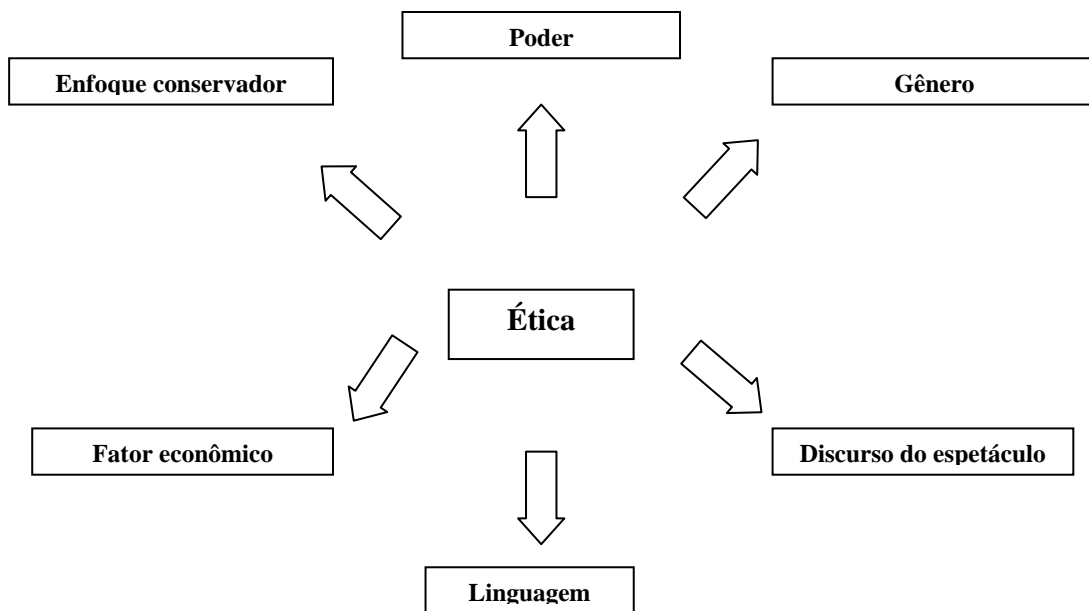
Em relação ao desvio da função principal do jornal *Zero Hora*, tornando-se mais empresa do que imprensa, nesse sentido o trabalho dos jornalistas nada difere do trabalho operário, denunciado por Marx (1844) e retomado por Lopez Velasco (2003b) na terceira norma da ética, ao buscar a preservação e regeneração da natureza. A cadência de trabalho frenética, a fim de cumprir os prazos para fechamento da edição, faz do jornalista uma máquina contra o tempo que, quanto mais produz, mais rentável se torna, num estilo fordista-taylorista. Conforme a terceira norma, para que haja trabalho, é necessário que haja natureza saudável, e o ritmo imposto para que haja rotatividade do capital não dá condição para que haja a regeneração da natureza humana do jornalista, nem da natureza exterior.

Entende-se, portanto, que, mais do que a natureza ecológica, a natureza humana necessita de um olhar mais demorado. Quando as matérias de *Zero Hora* apontam que estão na ação humana os maiores causadores dos problemas ambientais, assim como sua solução, acredita-se que isoladamente o homem pode contribuir pouquíssimo, mas, enquanto sociedade, a ação do homem pode reverter o quadro atual. Há necessidade, entretanto, em primeiro lugar, de um resgate de valores, de oportunidades para todos, da extinção da hierarquia entre as espécies e da informação livre a todos. Entende-se que a partir da regeneração da natureza humana haverá também a regeneração da natureza ecológica, porque uma é extensão da outra, mas a doença precisa ser combatida a partir do ponto mais afetado.

APROFUNDANDO A REFLEXÃO

A análise possibilitou perceber-se algumas marcas no discurso do jornal *Zero Hora* através de unidades de significados, frases ou palavras que expressam um sentido e são representativas por sua frequência ou intensidade nas matérias. A partir delas foi possível a construção de um mapa representacional por categorias que expressam a ética no discurso do jornal *Zero Hora* e a relação com a ética ecomunitarista, no qual se expõem as categorias: Poder, Enfoque conservador, Gênero, Discurso do espetáculo, Linguagem e Fator econômico.

Mapa representacional por categorias



Fonte: Elaboração da autora

Poder

A categoria poder apresenta termos mobilizadores de sentido e, através dessas simbologias, conduz o leitor na direção que melhor lhe convém, seja através de palavras, expressões, fotos, ilustrações ou cores. Entende-se que essa categoria permeia todas as outras, conforme se pode comprovar por meio da análise formal e discursiva. O poder está também na capacidade que essas matérias têm de articular discursos de outros campos e discursar sobre eles, apropriando-se desses discursos e os representando. Nas matérias em análise, percebe-se a apropriação dos campos da ciência, o político, o econômico e o social. Por outro lado, esses campos também estão construindo seus discursos através dessas matérias, pois os seus discursos

também estão contidos no discurso das matérias, uma vez que estes se desenham na constante relação com as demais áreas do conhecimento. Por fim, o poder dos dirigentes de *Zero Hora* e seus anunciantes, por possuírem uma ferramenta poderosa, que é esse veículo de comunicação, e com ele, através de simbologias, conduzirem o leitor para onde melhor lhes convém.

Enfoque conservador

Essa categoria reflete a visão conservadora de *Zero Hora*, a qual sustenta uma relação desintegrada entre sociedade e natureza, baseada na dominação da primeira sobre a segunda e da falta de ética que permeia essas relações, sendo estes alguns dos pilares da crise ambiental da atualidade. Essa visão reflete uma compreensão de mundo que tem dificuldade em pensar o conjunto, a totalidade complexa, e tende, refletindo os paradigmas da sociedade moderna, a focar o aspecto ecológico da problemática ambiental, atribuindo ao homem o desencadeamento desses problemas, assim como a solução.

Entende-se, portanto, que o discurso do jornal *Zero Hora* não subsidia uma leitura de mundo mais complexa e instrumentalizada que possibilite uma intervenção que contribua positivamente no processo de transformação da realidade socioambiental. Não promove também processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que nestes ambientes se possa propiciar um processo educativo, onde educandos e educadores possam contribuir para a transformação da grave crise socioambiental vigente. O discurso de *Zero Hora* é centrado no indivíduo, e, para que exista uma transformação da sociedade, a educação ambiental transformadora, praticada em ambientes formais ou informais, deve enfatizar a educação enquanto processo permanente, cotidiano e coletivo, pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida.

Gênero

Em algumas situações, identificou-se nas matérias o gênero opinativo e, em outras, o informativo. Entretanto, nas matérias esses dois gêneros representam um distanciamento quanto à característica de tratamento da informação que se espera do jornalismo para que ele cumpra com sua função social e seja um vetor de transformação: pressupõe-se que, através da informação, o leitor tenha condições de conhecer todos os ângulos do mesmo fato e se posicionar.

Discurso do espetáculo

Embora haja diferentes correntes discursivas dentro da educação ambiental e, dentre estas, as que priorizam o enfoque sistêmico, o pensar complexo e a mudança de valores, são as correntes discursivas de cunho catastrófico e alarmista que se destacaram em *Zero Hora*, porque são estas as que melhor se alinham com os valores-notícia do jornal, explicitadas nas matérias através das formas simbólicas: morte, extinção, abismo, caos, entre outros, que imediatamente captam a atenção do destinatário, produzindo sentidos que o direcionam para o foco desejado.

Linguagem

Percebe-se que a linguagem técnica empregada não é traduzida ao leitor, dificultando seu entendimento. A superficialidade em relação ao tema abordado e o sentido alterado de muitos termos refletem a falta de preparo desses profissionais. A falta de familiaridade do profissional que elabora a matéria com a complexidade dos assuntos abordados é o motivo para a publicação de abordagens equivocadas ou excessivamente simplistas. Nas faculdades brasileiras, poucos cursos incluem a questão ambiental entre suas disciplinas optativas – a exemplo do que acontece com a área esportiva, econômica, política ou cultural. Por esses motivos, a doutora em comunicação, professora e jornalista Ilza Girardi, integrante do Núcleo de Ecojornalistas, trouxe para o currículo de Jornalismo no curso de Comunicação Social da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a disciplina “Jornalismo Ambiental” em 2003, tendo como objetivo principal aprimorar o conhecimento desses profissionais tanto em relação à linguagem técnica quanto ao aprofundamento dos temas, assim como o desenvolvimento de uma consciência ética, por ser o jornalista quem faz a mediação da ciência, dos governos e demais organizações com a sociedade.

Fator econômico

Os diferentes sujeitos, nas três matérias, ante os problemas ambientais, são mediados por interesses econômicos, políticos e posição ideológica. Esta é a lógica que rege o discurso do jornal *Zero Hora*. Em nenhum ponto das matérias foram discutidas e explicitadas as contradições do atual modelo de civilização, da relação sociedade-natureza e das relações sociais que ele institui. Ressalta-se aqui, além do modelo vigente de economia que rege nossa sociedade, o fato de esse modelo não ser explicitado de forma integral e clara por *Zero Hora*, para que o leitor tenha conhecimento dos fatos na íntegra. Percebe-se, dessa forma, que a

liberdade ainda está longe de ser um valor fundamental na busca da autonomia dos grupos subalternos, oprimidos e excluídos, o que nos remete a pensar o indivíduo e o papel que desempenha na sociedade enquanto cidadão inserido em um contexto socioeconômico: um indivíduo oprimido pelo sistema e alienado da natureza, do trabalho, do produto e da atividade produtiva, e, portanto, ainda muito longe de um horizonte que possa apontar para superação da dicotomia dirigentes-dirigidos.

O jornal *Zero Hora*, como uma empresa capitalista, tem interesse na perpetuação desse modelo, por isso não explicita as contradições sociais que ele institui, ou seja, não tematiza os sintomas do capitalismo, assim como não aponta um caminho que possa reverter esse quadro provocado pelas mudanças do clima, porque esse caminho necessariamente apontaria para uma sociedade pós-capitalista, um modelo de sociedade que iria contra os objetivos de *Zero Hora*, como o modelo de sociedade proposto por Lopez Velasco (2003b) no ecomunitarismo, um regime comunitário pós-capitalista capaz de organizar as relações produtivas entre os seres humanos e a natureza através das normas éticas. A começar pela proposta do não-trabalho, uma instância de expressão livre das energias produtivas, na qual as pessoas realizam alternadamente suas múltiplas vocações. Isso significa que a mesma pessoa exerce com alternância as funções de sua vocação, aliando estas às necessidades comunitárias, que devem ser elencadas consensualmente. Já em relação à distribuição do produto do não-trabalho, deve-se seguir a mesma regra da produção, ajustada ao lema de produzir e distribuir conforme a necessidade legítima de cada um.

Em relação à ecologia, o ecomunitarista deve ter um comportamento de caráter preservador/regenerador da natureza. Isso significa que toda produção deve ter base em matérias-primas e energia ao mesmo tempo renováveis e não-poluentes, sendo essa conduta tema da educação problematizadora nas instâncias formais e informais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A pesquisa indica a necessidade da continuação desta, assim como toda forma possível de averiguar sobre o assunto jornalismo, problemática ambiental e a ética que permeia esse discurso. Entende-se que essa prática deve ser uma constante nas academias e demais espaços que possam propiciar essa reflexão, pois não se pode esquecer que a mídia também pode ser uma das formas de interligar o homem com o todo, podendo ser uma importante ferramenta na transmissão de novos valores e de cultura, na direção de uma sociedade mais justa e igualitária. Não se pode esquecer que a busca por uma sociedade mais igualitária não deve

estar pautada somente na educação formal, mas também na não-formal e, portanto, nos meios de comunicação.

Portanto, entende-se também que o momento histórico em prol da problemática ambiental deve buscar também na mídia uma ferramenta de apoio na transformação da sociedade, através de um jornalismo que seja apanhador e transformador da realidade, que esteja atento às questões sociais e opere em consonância com a sociedade, sensível aos anseios da população e mantendo uma visão sistêmica dos fatos. Essa mudança de paradigma só pode ser alcançada a partir da interação e participação com seus públicos, ao fazer desta ferramenta, a mídia, mais especificamente uma parte dela, o jornalismo, um vetor de transformação da sociedade. Para isso, é preciso que o jornalismo se posicione diante de seu público-alvo com objetivos além do comercial; com uma visão sistêmica, que nada mais é do que perceber o movimento integrado entre o ambiente presente e o futuro, através de uma visão ampla, integradora, que enxergue o universo como um conjunto de fenômenos interdependentes, que interagem o tempo todo e trazem para o dia-a-dia essa visão de forma holística.

REFERÊNCIAS:

BACCHETTA, Victor. El periodismo ambiental. In: _____. (Org.). *Ciudadania planetaria: temas y desafíos del periodismo ambiental*. Montevideo: Federación Internacional de Jornalismo Ambiental (IFEJ); Fundación Friedrich Ebert (FES), 2000.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BENETTI, Márcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: BENETTI, Márcia; LAGO, Claudia. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

HALL, Stuart. A produção social das notícias: o *mugging* nos *media*. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e histórias*. Lisboa: Veja, 1993.

IPCC. Climate Change 2007: The Physical Science Basis. Summary for Policemakers. Disponível em: <www.ipcc.ch>. Acesso em: 07 jun. 2007.

IPCC. El Grupo Intergubernamental de Expertos sobre el Cambio Climático (IPCC). Disponível em: <<http://www.ipcc.ch/pdf/ipcc-faq/ipcc-introduction-sp.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2008.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LOPEZ VELASCO, Sirio. *Fundamentos lógico-linguísticos da ética argumentativa*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003a.

_____. *Ética para o Século XXI: rumo ao ecomunitarismo*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003b.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos*. São Paulo: Boitempo, 2004 (1844).

OCDE. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 06 fev. 2008.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro. Ed. Codecri, 1978.

THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005.

Recebido em 24/04/2009
Aprovado em 17/06/2009